

2025, Vol. 15, n. 4, e110054

 <https://doi.org/10.51995/2237-3373.v15i4e110054>

Corporeidades, autismo, aba e práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: a interface entre a revisão integrativa e a narrativa autobiográfica de uma mãe-professora

Corporealities, autism, aba and inclusive pedagogical practices in early childhood education: the interface between the integrative review and the autobiographical narrative of a mother-teacher


Corporeidades, autismo, aba y prácticas pedagógicas inclusivas en la educación infantil: la interfaz entre la revisión integrativa y la narrativa autobiográfica de una madre-profesora

Chayanne Pereira de Oliveira 

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil - professora.chay23@gmail.com

Roberto Poton 

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil - rpoton@hotmail.com

Martha Lenora Queiroz Copolillo 

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil - marthacopolillo@id.uff.br

Resumo

Esta pesquisa emerge da intersecção entre minha vivência como mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e minha atuação como docente na Educação Infantil da rede pública. Diante dos desafios concretos da inclusão escolar, propus-me a refletir criticamente sobre práticas pedagógicas que articulem os fundamentos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), os saberes da experiência e os estudos sobre as corporeidades. A metodologia combinou a narrativa autobiográfica, como abordagem reflexiva da experiência, com uma revisão integrativa da literatura científica publicada entre 2020 e 2025 nas bases PubMed, Capes Periódicos, SciELO e LILACS. Os critérios de seleção priorizaram estudos em português, inglês e espanhol focados em práticas educativas envolvendo ABA, autismo, corporeidades e Educação Infantil. Os resultados evidenciaram a escassez de produções que integrem esses quatro eixos simultaneamente. Contudo, os achados indicam que práticas pedagógicas que valorizam a expressão corporal e reconhecem o corpo como mediador do engajamento contribuem significativamente para o fortalecimento das interações sociais e para um desenvolvimento infantil mais amplo. Conclui-se que a articulação entre conhecimento científico, experiências vividas e uma abordagem sensível às múltiplas formas de expressão corporal amplia as possibilidades de construção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Palavras-chave: Análise do Comportamento Aplicada; Transtorno do Espectro Autista; Educação Inclusiva; Educação Infantil; Corporeidades.

Abstract

This research emerges from the intersection of my personal experience as the mother of a child with Autism Spectrum Disorder (ASD) and my professional practice as a teacher in public early childhood education. Faced with the concrete challenges of school inclusion, I set out to critically reflect on pedagogical practices that articulate the foundations of Applied Behavior Analysis (ABA), experiential knowledge, and studies on corporeality. The methodology combined autobiographical narrative, as a reflective approach to experience, with an integrative review of scientific literature published between 2020 and 2025 in the PubMed, Capes Journals, SciELO, and LILACS databases. Selection criteria prioritized studies in Portuguese, English, and Spanish focused on educational practices involving ABA, autism, corporeality, and early childhood education. The results revealed a scarcity of production integrating these four axes simultaneously. However, the findings indicate that pedagogical practices which value bodily expression and recognize the body as a mediator of engagement significantly contribute to strengthening social interactions and supporting broader child development. It is concluded that the articulation of scientific knowledge, lived experiences, and an



approach sensitive to multiple forms of bodily expression expands the possibilities for constructing a truly inclusive education.

Keywords: Applied Behavior Analysis; Autism Spectrum Disorder; Inclusive Education; Early Childhood Education; Corporeality.

Resumén

Esta investigación surge de la intersección entre mi vivencia como madre de un niño con Trastorno del Espectro Autista (TEA) y mi actuación como docente en la Educación Infantil de la red pública. Ante los desafíos concretos de la inclusión escolar, me propuse reflexionar críticamente sobre prácticas pedagógicas que articulen los fundamentos del Análisis de la Conducta Aplicado (ABA), los saberes de la experiencia y los estudios sobre las corporeidades. La metodología combinó la narrativa autobiográfica, como enfoque reflexivo de la experiencia, con una revisión integrativa de la literatura científica publicada entre 2020 y 2025 en las bases PubMed, Capes Periódicos, SciELO y LILACS. Los criterios de selección priorizaron estudios en portugués, inglés y español enfocados en prácticas educativas relacionadas con ABA, autismo, corporeidades y Educación Infantil. Los resultados evidenciaron la escasez de producciones que integren simultáneamente estos cuatro ejes. Sin embargo, los hallazgos indican que las prácticas pedagógicas que valoran la expresión corporal y reconocen al cuerpo como mediador del compromiso contribuyen significativamente al fortalecimiento de las interacciones sociales y a un desarrollo infantil más integral. Se concluye que la articulación entre el conocimiento científico, las experiencias vividas y un enfoque sensible a las múltiples formas de expresión corporal amplía las posibilidades de construcción de una educación verdaderamente inclusiva.

Palabras clave: Análisis de la Conducta Aplicado; Trastorno del Espectro Autista; Educación Inclusiva; Educación Infantil; Corporeidades.

Introdução

Esta pesquisa nasce da intersecção entre minha trajetória pessoal, como mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e minha vivência profissional como professora da Educação Infantil na rede pública da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. As dificuldades tangíveis no processo de escolarização de meu filho e de meus alunos autistas – onde a inclusão frequentemente se esvai em uma formalidade vazia – revelaram não apenas barreiras estruturais, mas uma lacuna crítica: a escassez de estratégias que articulem evidências científicas robustas a uma escuta sensível e acolhedora das corporeidades infantil

Para dimensionar esse desafio, parto de um cenário quantificável: o TEA configura-se como uma das condições de neurodesenvolvimento mais prevalentes globalmente, atingindo 1 em cada 31 crianças, segundo o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023), e aproximadamente 2,4 milhões de brasileiros (IBGE, 2022). No Brasil, o Censo Escolar 2024 registrou um salto expressivo de 44,4% nas matrículas de estudantes com TEA na educação básica (INEP, 2024). Contudo, como demonstra a literatura especializada (Gomes & Nunes, 2022; Kishimoto, 2007), a expansão quantitativa do acesso não se traduz, automaticamente, em qualidade inclusiva. Persistem obstáculos profundos: formação docente insuficiente, infraestrutura inadequada e, sobretudo, uma escassez palpável de práticas pedagógicas baseadas em evidências que integrem, de forma ética e criativa, dimensões comportamentais, corporais e curriculares.

A ampliação do acesso, entretanto, não assegura por si só uma inclusão efetiva. Embora o direito à educação inclusiva esteja assegurado na Constituição Federal de 1988, na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), sua implementação ainda enfrenta entraves significativos. Estes se manifestam cruamente na formação docente desconectada da prática, na precariedade da infraestrutura escolar e na ausência de estratégias pedagógicas acessíveis, contextualizadas e cientificamente respaldadas. Como educadora, testemunho diariamente como muitos professores se sentem despreparados e sobrecarregados para atuar junto a crianças autistas, vendo práticas

potencialmente transformadoras serem inviabilizadas pela falta de tempo frente às demandas burocráticas, pela escassez de recursos pedagógicos adequados (jogos, brinquedos, materiais sensoriais) e por uma formação continuada que, não raro, falha em dialogar com a realidade das salas de aula.

Foi nesse contexto que iniciei minha aproximação com a Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis – ABA), movimento inicialmente impulsionado pela busca por tratamento para meu filho, por recomendação médica. Considerada uma prática baseada em evidência para o desenvolvimento de habilidades adaptativas e sociais em crianças autistas (National Standards Project, 2015), a ABA mostrou-se, em minha experiência, uma abordagem de grande potencial pedagógico quando eticamente adaptada e contextualmente aplicada no ambiente escolar. Fundamentada nos princípios do behaviorismo radical de B. F. Skinner, a ABA estrutura-se sobre dimensões científicas – como aplicação prática, efetividade e generalidade –, que conferem validade e solidez às suas intervenções (Baer, Wolf & Risley, 1968, 1987).

No Brasil, o reconhecimento da ABA como tratamento de referência para o TEA foi reforçado pela Resolução Normativa nº 539/2022 da ANS e pela jurisprudência do STJ, que garantem a cobertura terapêutica por planos de saúde e incentivam a aplicação da abordagem também em ambientes naturais, como o escolar. A possibilidade de generalização das aprendizagens para o cotidiano da criança fortalece um diálogo urgente e necessário entre educação e saúde, ampliando o horizonte de uma atuação ética e verdadeiramente compartilhada entre profissionais dessas áreas.

Apesar desse arcabouço legal e científico, a aplicação da ABA no contexto escolar ainda enfrenta resistências e equívocos. É comum que a abordagem seja associada a uma prática mecanicista e controladora, ou vista como mais uma atribuição onerosa e complexa lançada sobre a docência. Essas interpretações ignoram os avanços da ciência do comportamento contemporâneo e as potentes possibilidades educativas de estratégias baseadas na análise funcional, como o reforço positivo, o ensino por tentativas discretas e a modelagem de habilidades sociais.

Embora autores como Corazza (2013) e Kishimoto (2007) defendam há tempos o corpo como eixo central da aprendizagem na infância, faltam investigações sistemáticas que integrem essas dimensões corpóreas ao uso contextualizado e crítico da ABA no cenário da inclusão escolar de crianças autistas.

É importante destacar que esta pesquisa não tem como objetivo sobrepor campos de atuação ou defender a medicalização do espaço escolar. Pelo contrário, sua ambição é propor uma aproximação crítica, reflexiva e ética entre saberes distintos, de modo a fertilizar o campo das práticas escolares e favorecer o surgimento de uma inclusão mais real e acolhedora. Ao compreender princípios básicos do comportamento humano, o professor pode ampliar significativamente sua capacidade de observar, interpretar e intervir de forma intencional e contextualizada, promovendo o bem-estar, a segurança emocional e a participação efetiva das crianças autistas.

Neste percurso, um aspecto que se revelou particularmente transformador foi o reconhecimento da expressão corporal como uma forma legítima, complexa e valiosa de comunicação no escopo da ABA. Na Educação Infantil, o corpo ocupa um lugar central na aprendizagem e na interação com o mundo, sendo muitas vezes o principal canal de expressão de crianças com desenvolvimento atípico. Uma escuta pedagógica sensível e atenta às corporeidades permite ao professor acessar universos de significado, desejos e necessidades comunicativas que transcendem em muito a linguagem verbal. Como afirma (Corazza, 2013, p. 36), “o corpo fala, denuncia, afirma, exclui e acolhe, sendo linguagem que antecede e extrapola a palavra”. Assim, a valorização das



manifestações corporais, aliada a uma aplicação criativa e ética dos princípios da ABA, pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais empáticas, responsivas e eficazes.

Contudo, a concretização dessa escuta corporal esbarra em diversas limitações estruturais. A precariedade dos espaços escolares, a falta de ambientes acessíveis que incentivem o movimento livre e a exploração segura, e a escassez de materiais que favoreçam o brincar, o gesto e a experimentação sensorial comprometem o pleno desenvolvimento das crianças pequenas, com e sem TEA. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), é por meio da exploração corporal ativa e do contato sensorial com o mundo que as crianças constroem vínculos, aprendem e desenvolvem autonomia. Autores como (Kishimoto, 2007) defendem que os espaços da Educação Infantil devem ser intencionalmente organizados para favorecer experiências sensoriais, corporais, simbólicas e sociais. Quando esses espaços são negligenciados, inviabilizam-se práticas pedagógicas que são fundamentais para um desenvolvimento infantil integral.

A contribuição central deste trabalho está em propor uma mediação inédita e ousada: utilizar os princípios da ABA não para "corrigir" ou moldar comportamentos de forma estreita, mas para ampliar e qualificar a escuta pedagógica às linguagens do corpo – linguagens estas que são essenciais e, por vezes, únicas, para muitas crianças não verbais ou com comunicação mínima. Deste modo, a pesquisa almeja repensar a inclusão para muito além do mero acesso físico, garantindo participação ativa, aprendizagem significativa e pertencimento genuíno.

Esta abordagem integradora encontra eco em pesquisas que associam a ABA a práticas sensíveis às singularidades sensório-motoras do TEA (Kishimoto, 2007). Contudo, como alertam (Gomes & Nunes, 2022), tal articulação exige cautela ética constante para evitar reducionismos e garantirmos que as intervenções respeitem a integralidade, a subjetividade e a dignidade da experiência infantil. É neste delicado e necessário equilíbrio entre a evidência científica e o acolhimento incondicional das diferenças que se situa o cerne desta investigação.

Para preencher essa lacuna, este artigo parte de uma abordagem qualitativa e da combinação metodológica deliberada entre a narrativa autobiográfica – que converte a experiência vivida em lente de análise – e a revisão integrativa – que mapeia e sintetiza o conhecimento produzido no campo científico. Guia-nos a seguinte questão de pesquisa: Como as produções científicas recentes (2020-2025) articulam a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) com as corporeidades no autismo e quais são suas implicações para as práticas pedagógicas na Educação Infantil?

A revisão integrativa (Botelho et al. 2011; Whitemore & Knafl, 2005) organizou-se em torno de quatro eixos interconectados: (1) intervenções baseadas em ABA em contextos educativos; (2) marcadores e particularidades do Transtorno do Espectro Autista; (3) corporeidade e desenvolvimento infantil; e (4) práticas pedagógicas inclusivas na Educação Infantil. Conforme proposto por (Whitemore & Knafl, 2005), ao unir a análise autobiográfica à revisão integrativa, este trabalho busca não apenas identificar lacunas no conhecimento, mas propor um modelo crítico e analítico para repensar a formação docente. Os procedimentos metodológicos detalhados — incluindo critérios de inclusão/exclusão, bases de dados consultadas e estratégias de análise — serão minuciosamente apresentados na seção de abordagem metodológica.

Em síntese, este artigo pretende contribuir para o debate sobre a formação de professores da Educação Infantil no contexto da inclusão escolar de crianças autistas, valorizando a articulação entre ciência, experiência e sensibilidade pedagógica.

1.1 - Delimitação do problema

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil enfrenta desafios que são, em sua essência, estruturais. Manifestam-se na falta crônica de formação docente especializada e contextualizada, na infraestrutura física inadequada e na carência de políticas públicas efetivas que traduzam o direito à educação em condições reais de aprendizagem e participação. Embora o acesso à escola tenha registrado um aumento significativo (INEP, 2024) a inclusão permanece, com frequência, reduzida a uma formalidade legal, um cumprimento de protocolo, sem que as singularidades neurodivergentes – especialmente suas expressões corporais e comunicativas não verbais – sejam verdadeiramente reconhecidas, acolhidas e potencializadas.

Diante deste cenário complexo, esta pesquisa delimita como seu problema central: a ausência de uma política pública robusta e efetiva de formação continuada para professores da Educação Infantil, que integre de forma crítica e aplicada os conhecimentos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a valorização das corporeidades infantis como alicerces para a construção de práticas pedagógicas genuinamente inclusivas. A investigação questiona: como a articulação propositiva entre os princípios da ABA e uma escuta sensível às expressões corporais das crianças pode contribuir para a construção de estratégias pedagógicas mais eficazes e acolhedoras, considerando-se as limitações impostas pela precariedade das condições objetivas de trabalho docente?

1.2 - Objetivo geral

Analisar, mediante uma abordagem metodológica que articula a narrativa autobiográfica à revisão integrativa da literatura, de que modo as estratégias derivadas da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), quando postas em diálogo crítico com o reconhecimento e a valorização das corporeidades infantis, podem fomentar e sustentar práticas pedagógicas inclusivas na Educação Infantil para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Toma-se como eixo privilegiado de reflexão a minha experiência pessoal e profissional, cotejando as contribuições teóricas identificadas na literatura com as vivências e desafios práticos enfrentados no cotidiano escolar.

1.3 - Objetivos específicos

- a) Mapear produções científicas dos últimos cinco anos que articulem ABA, corporeidades e práticas pedagógicas na Educação Infantil com foco na inclusão de crianças autistas;
- b) Identificar os principais desafios enfrentados por professores da Educação Infantil na implementação de práticas inclusivas para crianças com TEA;
- c) Analisar, à luz da literatura e da experiência autobiográfica, como a expressão corporal das crianças autistas é (ou não) valorizada e interpretada nas interações e planejamentos pedagógicos;
- d) Discutir criticamente as contribuições potenciais e as limitações éticas das estratégias baseadas na ABA para o planejamento e a execução de intervenções pedagógicas sensíveis à diversidade infantil e contextualmente adequadas ao ambiente escolar.

1.4 - Justificativa

A pesquisa surge da necessidade urgente de enfrentar a crise na formação docente, marcada pela ausência de políticas públicas eficazes que assegurem capacitação contínua e inclusiva. Como alerta (Nóvoa, 2019), a desvalorização da profissão docente e a fragmentação entre teoria e prática perpetuam um sistema excludente. Como professora da rede pública e mãe de uma criança autista, vivo cotidianamente os efeitos da ausência de políticas públicas consistentes que assegurem uma formação continuada acessível, prática e sensível à diversidade. A sobrecarga física e emocional



dos professores e a exclusão velada das crianças autistas não são para mim realidades distantes ou abstratas; são experiências que me atravessam, me moldam e motivam minha busca incansável por caminhos possíveis e transformadores para o cenário educacional.

A decisão de realizar uma revisão integrativa da literatura fundamenta-se na necessidade de reunir, analisar e discutir de forma sistemática as produções científicas recentes que abordam as contribuições da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o papel central das corporeidades infantis e as implicações pedagógicas desses saberes para a inclusão na primeira infância. Este percurso teórico é permanentemente iluminado e tensionado pela minha própria vivência, que, através da narrativa autobiográfica, atua como uma lente singular e potente para interpretar os dados encontrados, fortalecendo os vínculos entre o vivido e o pesquisado, entre a dor e a esperança, entre a teoria e a prática.

Compreendo, seguindo a filósofa e pesquisadora (Marie-Christine Josso, 2004), que a escrita de si não é um mero relato pessoal ou confessional, mas um instrumento epistemológico poderoso, capaz de transformar a experiência em conhecimento crítico, reflexivo e socialmente relevante. Ao articular minha trajetória à análise das evidências científicas, busco construir uma leitura que seja, ao mesmo tempo, profundamente reflexiva e fortemente propositiva, que valorize na mesma medida o saber acadêmico produzido nas universidades e o saber experiencial gestado no chão da escola e no seio da família. Assim, minha história deixa de ser apenas singular para dialogar com outras histórias – de professores, famílias e crianças – que enfrentam os mesmos dilemas.

A relevância social desta pesquisa está ancorada em sua capacidade de gerar subsídios concretos para aprimorar práticas pedagógicas inclusivas, embasadas em evidências e sensíveis às expressões corporais como formas legítimas de comunicação e interação. Ao integrar ABA e corporeidades em uma perspectiva crítica e ética, o estudo busca contribuir para a construção de ambientes escolares mais responsivos, onde o professor seja reconhecido e valorizado como agente transformador e onde a criança autista tenha, finalmente, assegurado seu direito inalienável de aprender, brincar, conviver e florescer plenamente.

2. Abordagem metodológica

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que permite interpretar os complexos desafios da inclusão de crianças autistas na Educação Infantil a partir de um lugar privilegiado: a intersecção entre as evidências científicas e a vivência prática. Para operacionalizar esta perspectiva, a estratégia metodológica combina duas abordagens complementares:

Revisão Integrativa da Literatura (Botelho, Cunha & Macedo, 2011; PRISMA, Page et al. 2021), com o objetivo de sistematizar o conhecimento recente produzido sobre ABA, corporeidades e práticas pedagógicas inclusivas;

Narrativa Autobiográfica (Clandinin & Connelly, 2000; Nóvoa, 1992), que utiliza minha experiência dual como professora da rede pública da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e mãe de uma criança com TEA como uma lente crítica para analisar, interpretar e dar sentido aos dados emergentes da revisão.

Esta triangulação metodológica busca intencionalmente superar a dicotomia tradicional entre teoria e prática, articulando saberes acadêmicos formais com reflexões geradas a partir das complexidades e imprevistos do cotidiano escolar.

2.1. Desenho do Estudo

Revisão Integrativa

Objetivo: Mapear, analisar e sintetizar as produções científicas publicadas entre 2020 e 2025 que relacionam os seguintes construtos:

Intervenções baseadas em ABA em contextos educativos;

Corporeidades e sua centralidade no desenvolvimento infantil com TEA;

Práticas e estratégias pedagógicas inclusivas na Educação Infantil.

Narrativa Autobiográfica

Objetivos:

Refletir criticamente sobre os desafios, dilemas e conquistas enfrentados em sala de aula;

Confrontar os achados da literatura com as experiências concretas e situadas vivenciadas no contexto real;

Propor alternativas viáveis e contextualizadas para a formação docente, ancoradas na realidade prática.

Fontes de dados autobiográficos: Diários de aula reflexivos, registros fotográficos e em vídeo (éticas e consentidos), relatórios pedagógicos individuais e registros narrativos de situações específicas de mediação e interação.

2.2. Fontes, Descritores e Procedimentos de Busca

Bases consultadas e período de busca: As buscas foram realizadas nas bases CAPES Periódicos, PubMed, LILACS e SciELO entre 10 de abril de 2025 e 15 de junho de 2025, data que marcou a finalização do levantamento bibliográfico.

Descritores e estratégia de busca: Utilizaram-se os seguintes descritores, em português, inglês e espanhol, combinados por meio do operador booleano AND para refinar os resultados:

("autism spectrum disorder" OR "transtorno do espectro autista")

("applied behavior analysis" OR "análise do comportamento aplicada")

("early childhood education" OR "educação infantil")

Critérios de inclusão e limitações: Publicações entre 2020 e 2025, para garantir a atualidade e a relevância temporal das discussões.

Disponibilidade: Apenas artigos com texto completo disponível para análise.

Idiomas: Foram considerados artigos publicados em português, inglês e espanhol, devido à acessibilidade linguística da pesquisadora e à relevância das produções acadêmicas nesses idiomas no campo em estudo.

Acesso: Priorizaram-se estudos de acesso aberto (open access), mas também foram incluídos artigos disponíveis por meio de instituições de ensino parceiras e da rede CAPES.

Organização da matriz analítica: Os estudos selecionados foram sistematizados em uma matriz analítica detalhada, contendo as seguintes dimensões:



Dados bibliográficos completos (autor, ano, título, periódico, DOI);

Objetivos e metodologia empregada no estudo;

Principais resultados e conclusões relacionados aos eixos de interesse: ABA, corporeidades e inclusão na Educação Infantil;

Pontos de convergência ou divergência com a experiência prática autobiográfica da pesquisadora.

Triangulação entre literatura e registros pessoais: A análise dos dados articulou os achados teóricos da revisão com os registros autobiográficos (diários de prática, relatos de intervenções pedagógicas e observações em sala de aula). Por exemplo:

Quando a literatura destacou a importância crucial da individualização das estratégias da ABA, estas evidências foram confrontadas com casos reais vivenciados em meu cotidiano, nos quais a adaptação de estímulos sensoriais (como ajustes na iluminação, uso de texturas variadas ou oferecimento de apoios vestibulares) impactou positivamente o engajamento e a regulação de crianças com TEA.

Discussões teóricas sobre corporeidade e movimento foram cotejadas com situações práticas em que atividades lúdico-corporais (como brincadeiras de equilíbrio, jogos de imitação corporal ou atividades que envolviam toque e contato seguro) facilitaram significativamente a interação social e a comunicação, corroborando ou, em alguns casos, problematizando as evidências científicas encontradas.

Justificativa das escolhas metodológicas: A delimitação temporal (2020–2025) visa captar as transformações mais recentes nas políticas de inclusão e os avanços contemporâneos no campo da ABA. Já a triangulação metodológica com dados empíricos autobiográficos permite uma análise crítica que ultrapassa os limites de uma revisão puramente teórica, ancorando-se firmemente na prática reflexiva e nas nuances do contexto real.

2.2.1. Critérios de Elegibilidade

Inclusão	Exclusão
Estudos teóricos/empíricos (2020–2025)	Estudos realizados em contextos exclusivamente clínicos ou terapêuticos.
Foco em ABA aplicada em ambientes educacionais	Amostras compostas por adultos ou adolescentes (faixa etária superior a 6 anos).
População: crianças de 0 a 6 anos com TEA	Artigos fora do recorte temporal ou sem acesso ao texto completo.

2.2.2 Processo de Seleção e Extração de Dados

Seguiu-se um fluxo PRISMA adaptado (Page et al., 2021) para garantir transparência e rigor no processo de seleção:



Identificação inicial: 308 estudos recuperados nas bases de dados (CAPES Periódicos=147, PubMed=31, LILACS=71, SciELO=59).

Triagem por título e resumo:

a. Exclusão de 256 estudos com base nos seguintes critérios:
i. Não atendiam ao recorte temático central (N=10);
ii. Estavam duplicados ou indisponíveis para acesso (N=4);
iii. Não possuíam relação direta com ABA ou inclusão escolar (N=7).

b. 52 estudos considerados elegíveis para a etapa seguinte.

Avaliação de textos completos:

a. 37 estudos recuperados para leitura integral.

b. Exclusão de 22 estudos após leitura completa devido a:

i. Ausência de acesso ao conteúdo integral (N=4);
ii. Metodologia não alinhada aos objetivos da revisão (ex.: estudos exclusivamente clínicos) (N=18).

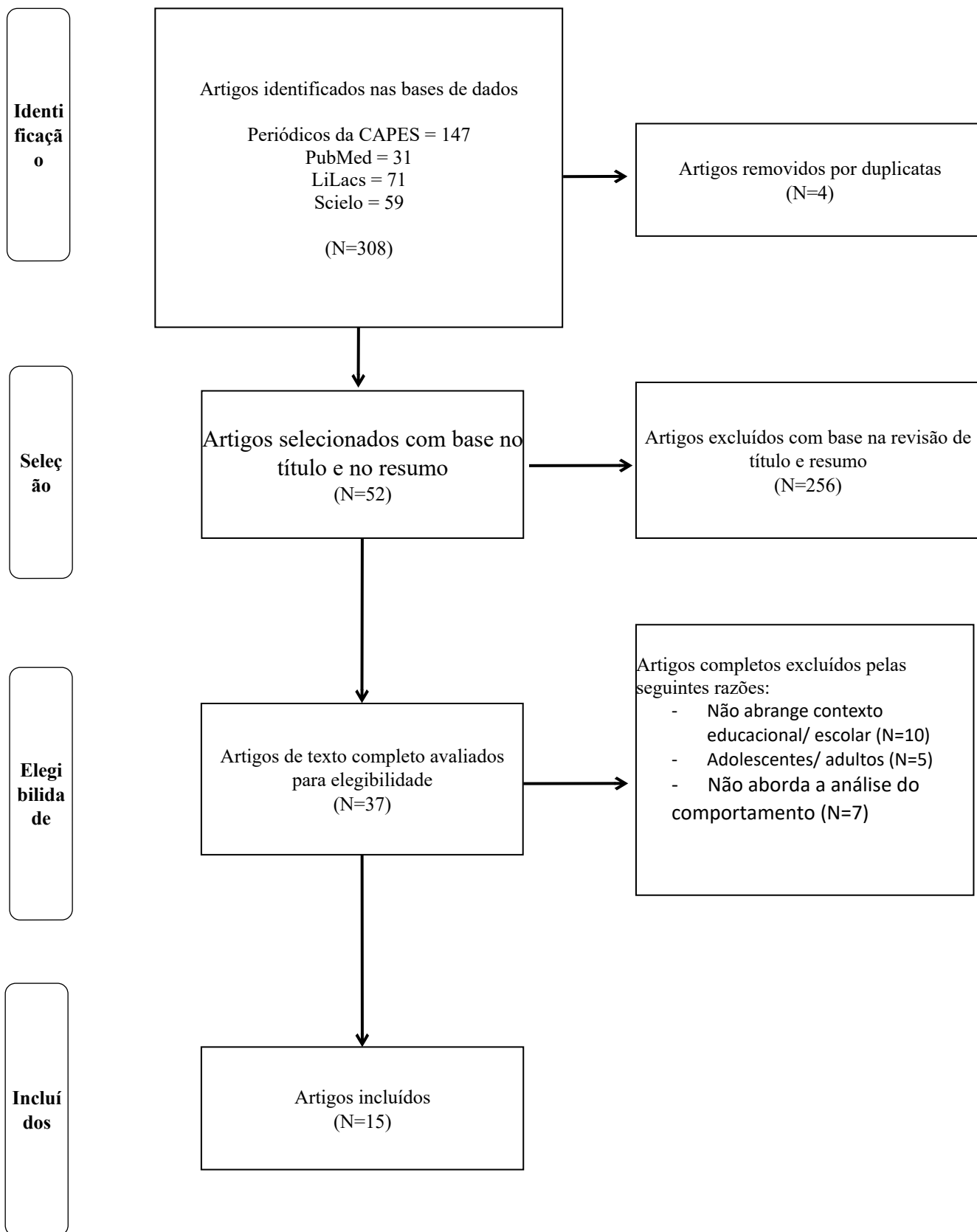
c. 15 estudos selecionados para extração de dados e análise aprofundada.

Organização em matriz analítica

Categorias de extração:

- i. Objetivos e contexto do estudo;
- ii. Metodologia (abordagem, participantes, instrumentos);
- iii. Principais achados sobre ABA, corporeidade e inclusão.

Fluxograma



2.2.3 Análise e Síntese

Análise temática (Braun & Clarke, 2006):

Os achados dos 15 estudos foram codificados e agrupados em três eixos temáticos principais:

- i. Eficácia e aplicações da ABA em contextos educacionais inclusivos;
- ii. Corporeidade como mediadora da aprendizagem e da interação social;
- iii. Fatores limitantes e facilitadores (formação docente, infraestrutura, políticas de apoio).

Triangulação metodológica:

Confronto sistemático entre:

- i. Evidências científicas (ex.: comprovação da eficácia de reforços positivos na literatura × relatos de resistência ou dificuldade de implementação em sala de aula);
- ii. Narrativas autobiográficas (ex.: registros de casos em que atividades corporais lúdicas facilitaram a interação social e a comunicação não verbal de forma espontânea).

Categorias emergentes:

Da análise cruzada, emergiram três categorias centrais que estruturam a discussão dos resultados:

Formação docente: Lacunas na aplicação contextualizada da ABA; carência de formação continuada prática e colaborativa.;

Corporeidade e comunicação: Movimento e a expressão corporal como linguagem primordial e forma de interação válida e potente;

Barreiras sistêmicas: Impacto da falta de recursos materiais, apoio multiprofissional integrado e políticas públicas sustentáveis que subsidiem concretamente a inclusão.

2.3- Síntese Discursiva dos Estudos Incluídos

A matriz analítica resultante da revisão integrativa foi sintetizada na tabela abaixo, que organiza os artigos incluídos, seus objetivos e uma interpretação crítica de seus achados à luz da experiência autobiográfica.

Autores/ Ano/ Fonte	Objetivo do estudo	Interpretação e Relevância para a Pesquisa
Pezzi & Frison (2024) SciELO	Investigar a compreensão de professores sobre o brincar e suas implicações no ensino de crianças com TEA.	Reforça a intencionalidade pedagógica do brincar e o papel do professor como mediador essencial, corroborando a necessidade de formação prática e sensível.
Folha et al. (2023) SciELO	Descrever a participação de crianças com e sem TEA em brincadeiras na	Evidencia a menor interação social de crianças com TEA e a necessidade crucial de mediação ativa e adaptação

	Educação infantil.	de brinquedos, um desafio vivenciado cotidianamente.
Camargo et al. (2020) SciELO	Investigar desafios na escolarização de autistas e propor diretrizes formativas.	Espelha a realidade da rede pública: ausência de formação específica e a urgência por capacitações que considerem demandas pedagógicas e comportamentais reais.
Rodrigues & Sales (2024) SciELO	Analisar a inclusão de alunos da EE e as necessidades formativas docentes.	Confirma o crescimento de matrículas, mas expõe o despreparo docente e a lacuna entre o discurso legal e a prática, exigindo políticas formativas urgentes.
(Hassan, Siden, & Brian, 2023) PubMed	Investigar a eficácia de um curso online de ABA para profissionais e famílias.	Aponta a formação online como alternativa viável e eficaz para capacitação em ABA, ampliando o acesso ao conhecimento e potencializando a intervenção.
Oliveira & Silva (2021) CAPES	Investigar as contribuições da ABA para o desenvolvimento cognitivo na Educação infantil.	Reforça a eficácia da intervenção precoce com ABA, defendendo práticas personalizadas e inclusivas baseadas em evidências para uma educação acessível.
Tochetto & Delfino (2023) CAPES	Compreender o TEA a partir da intervenção em ABA, destacando sua base científica.	Destaca a demanda por ABA no Brasil e a importância de planos individualizados, alinhando-se à necessidade de práticas fundamentadas e contextualizadas.
Alves et al. (2025) CAPES	Explorar abordagens pedagógicas inclusivas para crianças com TEA na Educação infantil.	Salienta o uso de práticas diferenciadas, tecnologias assistivas e a colaboração entre escola, família e saúde como pilares para uma inclusão efetiva.
Fidelis et al. (2023) CAPES	Compreender a contribuição da ABA para a inclusão escolar.	Relata que a ABA favorece autonomia e habilidades, destacando a necessidade de formação docente, adaptação curricular e trabalho colaborativo.
Lumertz (2024) CAPES	Relatar intervenção com ensino naturalístico para o brincar simbólico.	Demonstra que estratégias de ABA naturalística promovem ganhos sociais e comportamentais, validando

		abordagens baseadas em evidências no contexto lúdico.
Lemos et al. (2024) CAPES	Analisar práticas educacionais e de saúde para a inclusão de alunos com TEA.	Reforça a importância do ensino estruturado, recursos visuais e a colaboração interdisciplinar para planos educacionais personalizados e eficazes.
Fortes & Bernardon (2024) CAPES	Abordar práticas eficazes para inclusão e desenvolvimento de autistas.	Apresenta estratégias fundamentais como ambiente estruturado, comunicação clara e reforço positivo, alinhadas com os princípios de previsibilidade e apoio.
Camargo et al. (2024) CAPES	Identificar obstáculos à inclusão escolar e propor soluções.	Lista barreiras conhecidas (currículo inflexível, falta de recursos) e aponta a adaptação curricular e métodos estruturados como caminhos necessários.
Oliveira et al. (2021) LILACS	Capacitar professores para promover participação em grupo via jogos.	Mostra que capacitações práticas em ABA melhoram o conhecimento e a aplicação docente, mas evidencia a necessidade de mais recursos e suporte contínuo.
Rocha et al. (2021) LILACS	Descrever o contexto pedagógico para autistas na Educação infantil em um município.	Expõe que a maioria dos professores conhece o TEA, mas poucos se sentem preparados, reconhecendo a necessidade urgente de formação e adaptações concretas.

3. Resultados e discussão

A análise dos quinze artigos que compuseram esta revisão integrativa, iluminada pela lente da minha experiência autobiográfica, permitiu não apenas mapear evidências, mas também dar voz e contexto aos desafios e potências que caracterizam a inclusão de crianças autistas na Educação Infantil. Os achados, mais do que dados isolados, ecoam as angústias, buscas e pequenas vitórias que marcam meu cotidiano como mãe atípica e professora.

3.1. Formação Docente: entre a ausência e a urgência

A lacuna formativa emerge como um eixo central e crítico. A maioria dos estudos, como os de (Rodrigues e Sales, 2024) e (Camargo et al. 2020), apontam a insuficiência gritante na formação inicial e continuada dos professores, que raramente contempla aspectos práticos e específicos sobre o autismo. Esta não é uma constatação abstrata; é a realidade que me levou, como a tantos colegas,

a uma busca solitária e incessante por estratégias que de fato funcionassem. Foi na prática, muitas vezes por tentativa e erro, que princípios da ABA – como o uso de reforço positivo, a estruturação do ambiente e a análise funcional do comportamento – foram sendo incorporados ao meu repertório, revelando-se ferramentas poderosas para promover engajamento e reduzir crises. O estudo de (Hassan et al., 2023) corrobora essa trajetória, ao demonstrar que a formação online em ABA pode ser eficaz para capacitar profissionais, oferecendo um caminho viável para superar a barreira do acesso ao conhecimento especializado. .

3.2. Corporeidades e expressões não verbais: o corpo como linguagem

A valorização das corporeidades como forma legítima e primacial de comunicação foi outro eixo fundamental, que ressoou profundamente com minha experiência materna e pedagógica. Antes de qualquer diagnóstico formal, foi através do corpo – de seus movimentos, balbucios, aproximações e afastamentos – que meu filho se expressou e se relacionou com o mundo. A literatura revisada, como o trabalho de Pezzi e Frison (2024), reforça que a intencionalidade do professor em mediar o brincar e decifrar essas linguagens corporais é essencial para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores. Em sala de aula, testemunhei repetidamente como atividades lúdico-corporais, como jogos de imitação ou brincadeiras sensoriais, abriam canais de interação para crianças não verbais, validando na prática a assertiva de Corazza (2013) de que o corpo é uma linguagem que antecede e extrapola a palavra.

3.3. A ABA como ferramenta para a organização e o acolhimento

Longe da visão reducionista e mecanicista que por vezes lhe é atribuída, a ABA mostrou-se, na prática educacional, uma abordagem estruturada porém flexível, capaz de promover organização, previsibilidade e, conseqüentemente, segurança emocional para a criança autista. Estratégias como a comunicação alternativa, a antecipação de transições e a individualização de reforçadores mostraram-se não como técnicas de controle, mas como ferramentas de acesso ao currículo e de promoção de autonomia, tal como apontado por (Fidelis et al. 2023). Implementar essas estratégias, no entanto, esbarra na falta de tempo para planejamento individualizado e na carência de recursos materiais, barreiras sistêmicas amplamente reportadas nos estudos de (Camargo et al. 2024) e na minha vivência diária.

3.4. Jogos e brincadeiras: pontes para a inclusão

O brincar intencional emergiu como uma poderosa arena para a inclusão. Para muitas crianças autistas, o brincar não é intuitivo; precisa ser mediado, ensinado e facilitado. Estudos como o de (Oliveira et al. 2021) demonstram que programas baseados em ABA que utilizam jogos cooperativos podem melhorar significativamente a participação e a interação social. Esta evidência encontrou eco em minha prática, onde observei que brincadeiras estruturadas, com regras claras e objetivos definidos, proporcionavam um campo fértil para o desenvolvimento de habilidades sociais, ao mesmo tempo que legitimavam as expressões corporais singulares de cada criança.

3.5. Barreiras sistêmicas: o abismo entre a teoria e a prática

Por fim, a revisão confirmou que a inclusão esbarra em obstáculos que transcendem a sala de aula e são de ordem sistêmica: currículos inflexíveis, infraestrutura inadequada, falta de apoio multiprofissional e a histórica desvalorização da docência. A ausência de uma escuta genuína às

famílias, apontada por (Martins et al. 2020), é talvez uma das dores mais profundas, pois fragiliza a parceria essencial entre escola e família. Superar essas barreiras exige mais do que capacitação individual; exige um comprometimento político e institucional com a criação de condições reais para que a inclusão deixe de ser um discurso e se torne uma prática viável e sustentável.

Estudos emergentes

Categoria Temática	Achados Principais (Revisão)	Ecos na Experiência Autobiográfica
Formação Docente	Lacuna entre teoria e prática; necessidade de formação contínua e contextualizada (Camargo et al., 2020; Rodrigues & Sales, 2024).	Busca solitária por formação; apropriação prática de princípios da ABA para lidar com desafios concretos.
Corporeidades	Corpo como mediador da aprendizagem; importância da mediação intencional do professor (Pezzi & Frison, 2024).	Reconhecimento do corpo do filho/aluno como primeira linguagem; uso de brincadeiras corporais para promover interação.
ABA na Escola	Potencial para promover estrutura, previsibilidade e autonomia (Fidelis et al., 2023; Hassan et al., 2023).	Uso de antecipação visual, reforço positivo e análise funcional para reduzir ansiedade e aumentar o engajamento.
Barreiras Sistêmicas	Falta de recursos, infraestrutura, apoio multiprofissional e políticas efetivas (Camargo et al., 2024; Martins et al., 2020).	Sobrecarga docente, falta de tempo para planejamento individualizado, dificuldade de acesso a apoio especializado.
Formação Docente	Lacuna entre teoria e prática; necessidade de formação contínua e contextualizada (Camargo et al., 2020; Rodrigues & Sales, 2024).	Busca solitária por formação; apropriação prática de princípios da ABA para lidar com desafios concretos.

Considerações finais

Ao final desta jornada de revisão integrativa, guiada pela bússola da minha narrativa autobiográfica, concluo que a inclusão de crianças autistas na Educação Infantil é uma construção complexa que demanda muito mais do que a mera garantia de acesso. Ela exige uma transformação profunda nas práticas, na formação e nas estruturas que sustentam o sistema educacional.

Os estudos revisados e a minha experiência convergem para a urgência de uma formação docente que seja prática, contínua e sensível ao contexto real das salas de aula. É imperativo que os

princípios da ABA, despidos de visões reducionistas, e a valorização das corporeidades infantis sejam integrados de forma crítica e criativa à formação de professores, fornecendo-lhes ferramentas concretas para observar, interpretar e intervir de maneira ética e eficaz.

Esta pesquisa evidenciou que a ABA, quando aplicada com sensibilidade e contextualização, não é incompatível com a escuta das corporeidades; pelo contrário, pode ser uma aliada potente para decifrar e responder às linguagens não verbais das crianças autistas. Da mesma forma, o brincar intencional e mediado revelou-se um território privilegiado para a inclusão, onde é possível promover desenvolvimento e interação social respeitando as singularidades de cada criança.

No entanto, nenhuma estratégia pedagógica, por mais bem fundamentada que seja, florescerá em um solo árido de precariedade e desvalorização. As barreiras sistêmicas – como a falta de recursos, a infraestrutura inadequada, a sobrecarga docente e a ausência de apoio multiprofissional – constituem-se como obstáculos monumentais que precisam ser enfrentados com coragem e decisão política. Inclusão real requer investimento, planejamento e um compromisso genuíno com a equidade.

Como professora, mãe e pesquisadora, encerro este trabalho com um convite à ação e um alerta. O alerta é de que a inclusão, em sua forma atual, corre o risco de se tornar uma ilusão burocrática, onde crianças com TEA estão presentes fisicamente, mas seguem pedagogicamente invisibilizadas. O convite é para que construamos coletivamente escolas que saibam escutar os corpos, acolher as diferenças e valorizar os saberes experienciais, unindo rigor metodológico e afeto. Precisamos de políticas públicas ousadas, de tempos e espaços para o planejamento colaborativo, e de um reconhecimento social efetivo da importância da docência.

A mensagem final que carrego é a de que incluir é um ato de coragem, acolhimento e rigor. Significa articular saberes diversos, da ciência à experiência, para criar ambientes onde todas as crianças – com e sem TEA – possam aprender, brincar e se desenvolver em sua plenitude. Este não é um caminho simples, mas é o único caminho possível para uma educação verdadeiramente inclusiva e humanizada.

Limitações do estudo

Reconheço que a opção metodológica pela narrativa autobiográfica articulada à revisão integrativa, embora conferindo profundidade e singularidade à análise, traz consigo limitações inerentes. Em primeiro lugar, a análise está ancorada em uma experiência singular – a minha, como mãe-professora atuante em um contexto específico da rede pública. Esta riqueza subjetiva, por um lado, limita a generalização dos achados para outros cenários educacionais ou socioculturais.

Além disso, o recorte temporal (2020-2025) e linguístico (português, inglês e espanhol), embora justificáveis, podem ter excluído contribuições relevantes de períodos anteriores ou publicadas em outros idiomas. Outra limitação reside no processo de análise e seleção dos artigos, realizado de forma individual, sem a aplicação de duplo-cego, o que pode ter introduzido vieses inconscientes na interpretação dos dados, influenciados pela minha própria trajetória e expectativas enquanto pesquisadora implicada.

Por fim, ressalto que o objetivo não foi avaliar empiricamente a eficácia de intervenções, mas propor uma reflexão crítica ancorada na interação entre evidência e experiência. Novas pesquisas,

com desenhos metodológicos que incluem a voz de mais professores, familiares e crianças, são necessárias para ampliar e aprofundar as discussões aqui iniciadas.

Referências

- Alves, E. G. C., Santos, Q. P., Jesus, A. F., Azevedo, R. L., Santos, R. N., & Coutinho, D. J. G. (2025). Autismo e educação infantil: estratégias pedagógicas para a promoção da inclusão e desenvolvimento. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(1), 1–18. <https://doi.org/10.51891/rea.v11i1.17934>
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.)*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 91–97. <https://doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91>
- Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. A., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121–136. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>
- Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, DF: Ministério da Educação. Recuperado de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- Brasil. (2015). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, seção 1, p. 2.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Camargo, S. P. H., Silva, G., Crespo, R. O., Oliveira, C. R., & Magalhães, S. L. (2020). Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. *Educação em Revista*, 36, e214220. <https://doi.org/10.1590/0102-4698214220>
- Camargo, A. P. L., Alves, C. A. P., Carminate, J. G., Xavier Chaves, J., Galvão, K. L., Silva, L. S., ... Silva, C. (2024). Os desafios da inclusão de crianças com autismo no contexto educacional. *Revista Jurídica do Nordeste Mineiro*, 11(1). <https://doi.org/10.61164/rjnm.v11i1.2913>
- Centers for Disease Control and Prevention. (2023). *Data & statistics on autism spectrum disorder*. Recuperado de <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>
- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2000). *Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Corazza, S. M. (2013). *Infância e educação: Era uma vez... quer que conte outra vez?* São Paulo, SP: Cortez.
- Fidelis, J. F., Silva, M. R., Andrade, P. T., & Costa, L. A. (2023). The contribution of applied behavior analysis (ABA) in the inclusion of children with autistic spectrum disorder in the school environment. *Research, Society and Development*, 12(6), e8112641929. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i6.41929>
- Folha, D. R. S. C., Joaquim, R. H. V. T., Martinez, C. M. S., & Della Barba, P. C. S. (2023). Participação de crianças com desenvolvimento típico e com transtornos do espectro autista em situações de brincadeiras na Educação Infantil. *Revista Brasileira de*

Educação Especial, 29, e0096. <https://doi.org/10.1590/1980-54702023v29e0096>

Fortes, M. C., & Bernardon, M. A. R. (2024). Estratégias eficazes para a estruturação de alunos com Autismo: promovendo inclusão e sucesso educacional. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, 22(11), e7726. <https://doi.org/10.55905/oelv22n11-105>

Gomes, C. G. S., & Nunes, D. R. P. (2022). Inclusão escolar de crianças com autismo: Revisão de literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 28, 1–18. <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0179>

Hassan, C. D., Siden, L., & Brian, J. A. (2023). Extending the reach of early intervention training for practitioners: A preliminary investigation of a web-based curriculum. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 53(4), 1673–1684. <https://doi.org/10.1007/s10803-022-05460-y>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo Demográfico 2022: Educação*. Recuperado de <https://censo2022.ibge.gov.br/>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2024). *Sinopse Estatística da Educação Básica 2023*. Brasília, DF: Autor. Recuperado de <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>

Josso, M.-C. (2004). *Experiências de vida e formação*. São Paulo, SP: Cortez.

Kishimoto, T. M. (2007). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (11ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Lemos, A. dos S., Costa, M. A. L., Mantovani, A. de A. G. M., Bergamaschi, R. D., Medeiros, T. M. de, Gomes, C. D., ... Araújo, C. A. de. (2024). Educação, saúde e autismo: abordagens educacionais e de saúde para a

inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, 16*(2), 121r. <https://doi.org/10.36692/v16n2-121r>

Lumertz, F. D. S. (2024). Ensino naturalístico no desenvolvimento do brincar simbólico social de uma criança com autismo: relato de experiência. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 17(3), e5037. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.3-057>

Lumertz, M., Silva, F. M., & Souza, R. A. (2024). Jogos cooperativos e desenvolvimento infantil no espectro autista. *Psicologia: Teoria e Prática*, 26(1), 1–15. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/2024e00002.t>

Martins, A. G., Silva, L. R., & Costa, M. F. (2020). Escuta das famílias no processo de inclusão escolar: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 26, 1–14. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0062>

Martins, L. R., Oliveira, A. P., & Souza, D. F. (2020). Família e escola: parceria essencial para a inclusão. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 26(2), 1–14. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0089>

National Autism Center. (2015). *Findings and conclusions: National standards project, phase 2*. Randolph, MA: Autor. Recuperado de <https://nationalautismcenter.org/national-standards-project/phase-2/>

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote.

Nóvoa, A. (2019). *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa, Portugal: Educa.

Oliveira, A. C., & Silva, R. M. (2021). Análise do comportamento aplicada na educação infantil: revisão sistemática. *Revista Educação Especial*, 34, 1–20. <https://doi.org/10.5902/1984686X61598>

- Oliveira, D. S. F., & Silva, A. D. P. R. (2021). Autismo e a educação: ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada) como proposta de intervenção na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, 7(10), 569–584. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.2517>
- Oliveira, L. D. P. D. S., Cruz, T. M. M., Santos, L. K. S., & Almeida, T. C. S. (2021). Transtorno do espectro autista: capacitação de professores para atividades escolares em grupo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27, e0205. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0205>
- Oliveira, A. A., Ferreira, T. de S., & Alencar, G. P. de. (2022). Contribuições dos jogos cooperativos na Educação Física escolar: Uma revisão integrativa. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, *27*(290), 146–157. <https://doi.org/10.46642/efd.v27i290.2801>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372, n71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Pezzi, F. A. S., & Frison, M. D. (2024). As atividades do brincar e do ensinar em crianças com TEA na Educação Infantil. *Educar em Revista*, 40, e90105. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782024290105>
- Rocha, E. P., Ferreira-Vasques, A. T., & Lamônica, D. A. C. (2021). Atuação pedagógica no ensino pré-escolar de alunos com o Transtorno do Espectro Autista. *Revista de Educação Especial*, 34, e25. <https://doi.org/10.5902/1984686X61598>
- Rodrigues, S. R. M. C., & Sales, L. C. (2024). Necessidades formativas do professor frente à demanda de alunos da educação especial em classes comuns. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 30, e0097. <https://doi.org/10.1590/1980-54702024v30e0097>
- Tochetto, A. P. G., & Delfino, D. da C. (2023). Desenvolvimento de crianças no espectro autista: uma visão a partir da intervenção na análise do comportamento aplicada. *Revista Contemporânea*, *3*(12), 27590–27611. <https://doi.org/10.56083/RCV3N12-147>
- Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: Updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52(5), 546–553. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>

Recebido em: 07 set. 2025

Aceite em: 01 dez. 2025

Endereço para correspondência:

Chayanne Pereira de Oliveira
professora.chay23@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0